

Horário

Terça-feira a domingo: 10h00 – 18h30.

Encerra à segunda-feira

Encerra anualmente nos dias: 1 de janeiro, 1 de maio, domingo de Páscoa, 22 de agosto e 25 de dezembro.

Entrada

Geral: 2,09€

Grupos (mínimo 10 pessoas): 1,05€

Cartão Jovem / Estudante: 1,05€

Maiores de 65 anos: 1,05€

Crianças até 10 anos: grátis

Domingos de manhã, até às 12h30: grátis

Gratuito nos dias: Internacional dos Museus (18 de maio), Internacional da Criança (1 de junho) e Internacional da Juventude (12 de agosto)

Loja/Livraria

Terça-feira a domingo: 10h00 – 18h30.

Visitas Guiadas

As visitas guiadas devem ser marcadas previamente através de e-mail (mínimo 10 pessoas).

Serviço Educativo

Programas específicos para as escolas | Workshops temáticos | Ateliês de artes plásticas | Encontros com artistas plásticos | Projetos de cooperação.

Contactos

Centro de Arte Contemporânea Graça Morais
Rua Abílio Beça, nº 105
5300 – 011 Bragança - Portugal
Tel: (351) 273 302 410
centro.arte@cm-braganca.pt
www.cm-braganca.pt



CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA GRAÇA MORAIS



Xosé Luís Otero, Arquiteturas Circulares, 2021 | Madeira, telas, pigmentos, tinta acrílica, papel, cordéis e cola. Coleção do artista

XOSÉ LUÍS OTERO

DISTOPIA

20 DE NOVEMBRO 2021 A 27 DE FEVEREIRO 2022



A paisagem, natural, profundamente urbana ou mesmo utópica, é um conceito permanentemente interpelado pela prática artística de Xosé Luís Otero (Nocelo de Pena, Ourense, Galiza, Espanha, 1966). Mas da paisagem interessa-lhe apenas o fragmento, como se nele capturasse uma determinada fração de espaço e de tempo, um lugar e um momento.

A sua obra constrói-se, por isso, de imagens parcelares, destroços de vivências que parecem funcionar como lugares de esquecimento, arqueologias de espaços agora desabitados, silenciosos, vazios, que encerram a tensão do que aí, em algum momento, parece ou possa ter acontecido.

Em essência, são verdadeiras reminiscências ou, como refere, “ossários de lembranças”, cuja experiência é materializada e documentada em exercícios de memória, que consolida do seu pensamento estético como uma reconstrução.

Em cada fragmento importam-lhe sobretudo as marcas deixadas pela presença humana, vestígios que se vão desvanecendo com o passar do tempo, de um tempo que foi, mas já não é.

As suas obras parecem entrar num diálogo com as memórias que transportam, questionam-se sobre presenças e ausências, contêm mundos em si mesmas; preconizam um regresso à emoção, encerram as impressões de marcadas lembranças da infância e, por isso, dotadas de uma grande carga tão afetiva e nostálgica como poética.

Profundamente matéria, a criação artística de Luís Otero tem estado ancorada a um contínuo desafio à experimentação e à reutilização de uma grande diversidade de materiais, maioritariamente recolhidos na natureza, como cascas e ramos de árvores, mas também na reutilização de materiais industriais, como cartão, ou de elementos arquitetónicos, como velhas portas e janelas de madeira.



Cada trabalho acusa os modos de operacionalização, muitas vezes resultantes de ações repetidas como cortar, dobrar, rasgar, entrelaçar, colar, atar, pintar, implicando simultaneamente um envolvimento físico direto do corpo no processo criativo.

As suas criações parecem materializar-se em múltiplas formas, muitas vezes como arquétipos de casas, colmeias ou ninhos, mas também de edifícios em ruína, cidades desabitadas ou extensos areais cobertos de algas, ao mesmo tempo que carregam referências muito concretas, apropriadas aos bosques, às atmosferas ou às paisagens marítimas da Galiza.



Há no seu trabalho uma predileção pelos grandes formatos, pelas composições agrupadas e pelas montagens cenográficas, que combina num jogo de arquiteturas e de tantas outras estratégias processuais.

O desvio ao suporte do tradicional quadro pintado levam-no a amplificar a dimensão bidimensional, a conferir-lhe uma nova espessura e a combinar domínios próprios da pintura com o contexto escultórico e arquitetónico ou na acentuada tendência para a instalação.

A presente exposição vem na sequência da recentemente apresentada no Museu de Arte Contemporâneo de Vigo e propõe ao olhar do visitante um campo visual muito diferenciado sobre sua produção mais recente, concretamente sobre os trabalhos inéditos realizados entre 2019 e 2021.

Curadoria: Jorge da Costa

Produção: Município de Bragança

Centro de Arte Contemporânea Graça Morais